

## Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências de Educação Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN

Entrevista concedida pelo professor **João Wanderley Geraldi** em 05/09/2008 para **Márcia Buss Simão**<sup>1</sup>, **Pricilla C. Trierweiler**<sup>2</sup> e **Rosinete Schmitt**<sup>3</sup> pesquisadoras do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância.

O objetivo da nossa entrevista é buscar uma aproximação entre nós do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância – NUPEIN, e os estudos de Bakhtin. Tivemos já algumas incursões nestes estudos por conta de algumas trocas com o grupo de estudos liderado pela professora Sônia Kramer da PUC-RJ e UERJ. A partir dessa aproximação, foram realizadas, recentemente, três pesquisas, em nível de mestrado, nas quais as pesquisadoras trabalharam bastante com o referencial bakhtiniano.

Temos considerado que a aproximação com a produção de Bakhtin tem sido muito interessante para os estudos da infância na interface com a educação, especialmente no que diz respeito à orientação e elaboração de metodologias de pesquisa com crianças pequenas, bem como no estudo das relações dos adultos com as crianças e das crianças entre si. Na primeira semana de setembro tivemos notícia que o professor João Wanderley Geraldi, um especialista nos estudos de Bakhtin, estaria ministrando um curso de curta duração, aqui, na Universidade Federal de Santa Catarina. Resolvemos aproveitar para estabelecer um diálogo com o professor Geraldi e contribuir

---

<sup>1</sup> 1. Doutoranda na Linha Ensino e Formação de Educadores – PPGE- UFSC - [marcia@ced.ufsc.br](mailto:marcia@ced.ufsc.br)

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil UFSC - [pricillaped@gmail.com](mailto:pricillaped@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Educação, Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis- [rschmitt@hotmail.com](mailto:rschmitt@hotmail.com)

com os estudos da infância. Começamos por conhecer um pouco melhor a pessoa do prof. Geraldi:

**1- Professor Geraldi, onde o Senhor Trabalha atualmente? Qual sua formação?**

Eu sou professor aposentado da UNICAMP, atualmente sem nenhuma filiação institucional. Meu endereço eletrônico é [jwgeraldi@yaroo.com.br](mailto:jwgeraldi@yaroo.com.br). Tenho formação em Direito, Letras com Mestrado em Lingüística e Doutorado em Lingüística. Fiz minha carreira universitária iniciando como professor universitário na UNIJUÍ e encerrando na UNICAMP. Atualmente tenho sido professor visitante de algumas universidades do Brasil e de Portugal.

**2- Atualmente quais são seus interesses de pesquisa e com quais autores mais tem dialogado?**

Atualmente estou interessado em aproximar o pensamento bakhtiniano das questões de Educação. O autor com quem mais tenho dialogado e que mais tenho lido, é Bakhtin. Mas, também tenho estudado outros autores e outras áreas aparentemente distantes, mas de fato não tão distantes assim, principalmente passando pela história: História Cultural, A Nova História, Os estudos do Cotidiano, etc [Certeau, Legoff, Duby, entre outros]. E tenho me interessado também por questões sobre o medo, mais em função de interesses de produção literária, por isso tenho lido muita literatura.

*Márcia: Você durante o curso citou várias vezes Boaventura de Souza Santos, ele é um autor que você tem estudado?*

Eu tenho estudado o trabalho do Boaventura. Tive a sorte de ser o argüidor de uma tese, em Portugal, que versava sobre o Boaventura. Essa tese inclusive, tornou-se um livro, aliás editado no Brasil, que se chama **Nada de nós sem nós**, publicado pela editora Cortez. É um livro que estuda os

aspectos da comunicação na obra do Boaventura, escrito pela professora Rosa Nunes da Universidade do Porto. Nesse sentido, posso dizer que leio esporadicamente o Boaventura, mas leio também Walter Benjamin, gosto muito de Benjamin. Tenho lido até um pouco de Vigotsky, daí a curiosidade vai marcando os caminhos.

### 3- Como foi seu encontro com as obras de Bakhtin e seu círculo?

Bom, meu encontro com as obras de Bakhtin começou em 1976. Eu encontrei um livro na Feira do Livro em espanhol, no Instituto de Física da UNICAMP. Na época em que era aluno do mestrado. Eu encontrei um livro do Volochínov, com a assinatura do Volochínov, que se chamava **El signo ideológico y la filosofía de la lenguaje** que é o Marxismo e Filosofia da Linguagem na tradução brasileira.

A partir da leitura desse livro em 1976, no segundo semestre desse mesmo ano, propus a um professor, que foi meu orientador do mestrado, um curso para o primeiro semestre de 1977 que discutisse e aprofundasse os estudos desse livro. Essa disciplina foi oferecida pelo professor Carlos Vogt, que é diretor da coleção da HUCITEC por onde foi publicado o livro **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, o primeiro livro da coleção Humanismo da HUCITEC.

Desde então eu comecei a estudar mais detidamente Bakhtin e por um certo tempo fiquei no **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, depois comecei a estudar seu trabalho sobre **Rabelais**, sobre **Dostoiévski**, e também as obras do círculo.

### 4- Como se definem, nas obras de Bakhtin, quais são de autoria dele e quais são de seu círculo?

Eu acho que o autor teve tempo de dizer o que era seu e o que não era seu. Como ele não disse, acho que não considerou importante, não é fundamental se questionar sobre isso. Sabemos que há obras do Círculo, que foram assinadas por colegas, amigos e que no caso, na época de repressão da Rússia, às vezes era conveniente a obra ser assinada por outros. Enfim, aqui gostaria de tomar o próprio exemplo do Bakhtin: há obras que Bakhtin não reivindicou como suas, sabemos de obras assinadas por outros e supostamente suas, ou assinadas por ele e supostamente de outros, assim, acho que o próprio exemplo dele demonstra que esta não é uma questão essencial. Se fosse essencial, ele talvez tivesse assumido a autoria. A expressão Círculo de Bakhtin recobre esse conjunto de autores e é mais interessante do que dizer isso aqui é do Kagan, isso daqui não é do Medviédiev ou é do Bakhtin, etc.

**5- Sabe-se que Bakhtin viveu no mesmo contexto e momento histórico que Vygotsky, há algum indício de que eles, sendo contemporâneos, tenham se conhecido?**

Vigotsky e Bakhtin, infelizmente, não trabalharam juntos, não se conheceram. Penso que há uma obra, eu acho que de Vigotsky, em que ele cita Bakhtin. Mas como as obras de Bakhtin não foram publicadas, a não ser quando foram recuperadas, temos que considerar que já havia uma certa dificuldade política em fazer circular sua obra e seu pensamento na Rússia Stalinista e um pouco pós-Stalinista. Desse modo, a sua recuperação veio tardiamente, considerando ainda o curto espaço de tempo que foi vida de Vigotsky, e isso foi uma pena, porque penso que eles teriam produzido muito se tivessem se encontrado, se tivessem tido oportunidade de trabalhar em conjunto.

**6- Sabemos que vários campos, inclusive da educação, buscam um diálogo com os conceitos bakhtinianos. Por que um teórico da filosofia**

## da linguagem é utilizado por tantos campos? É possível defini-lo como pertencente a um campo específico?

Eu acho que é porque no século XX há uma centralidade na questão da linguagem. Tanto na filosofia como nas ciências humanas as discussões acabaram centrando-se na linguagem, acabaram passando pelas questões da comunicação, até no desenvolvimento da tecnologia, das mídias etc.. Os maiores avanços do século XX na área da tecnologia são precisamente nas áreas que envolvem linguagem – quer dizer, as mídias e os modos de comportamento.

Assim, acho que há uma centralidade da questão da linguagem para a compreensão do humano, inclusive para compreender como é que o humano compreende as coisas, os outros, a natureza e o mundo. E por isso penso que uma filosofia da linguagem extremamente instigante como é a filosofia do Bakhtin, tenha suscitado interesse em tantos campos como na Psicologia, na Educação e até em outras áreas que não são tão próximas, como, por exemplo, a área de gestão e mesmo, como estava conversando hoje com uma pessoa, a área da Engenharia, em que está-se discutindo sobre as questões de caos e linguagem.

Então, acho que é questão dessa centralidade da linguagem. Gassersfeld em um pequeno texto editado por Schnittman (Artes Médicas, Porto Alegre), em **Cultura, novos paradigmas e subjetividade**, define muito bem essa questão da centralidade da linguagem no pensamento do século XX e início do século XXI.

**7- Quais conceitos e ou categorias bakhtinianos são mais utilizados nas ciências humanas? As que mais “conhecemos” são: dialogismo, alteridade, polifonia, enunciado, etc.**

Penso que os conceitos do Bakhtin mais utilizados nas Ciências Humanas são: *Alteridade*, que eu poria em primeiro lugar, *o conceito de voz – polifonia*, o conceito de *dialogismo* e acho que alguns conceitos mais aplicados pontualmente são o de *carnavalização*, de *enunciado*, de *cronotopos*, *exotopia - excedente de visão*, de *responsividade* e/ou *responsabilidade*.

Acredito que, na verdade, as categorias do Bakhtin são utilizadas nas ciências humanas tendo em conta o interesse de cada pesquisa, isto é, você busca este ou aquele conceito em função do interesse e ressignifica esses conceitos dentro do teu quadro, dentro da tua pesquisa, como propõe o próprio Bakhtin! Ele traz conceitos iluminadores que podem ser usados para reconstruir e ressignificar segundo os nossos interesses de pesquisa.

### **8- Em sua interpretação, quais as semelhanças e distinções entre os conceitos ato, atividade e ativismo para Bakhtin? A compreensão desses conceitos interfere ou é determinante no modo de pesquisar?**

Pesquisar é um *ato*. É em si uma *atividade*. Eu acho que o conceito de *ato* em Bakhtin sempre envolve “algo que tem a *ser alcançado*’. Com algo que ainda não é, mas que poderá vir a ser, ou seja, sempre está por ser alcançado. E o conceito de *atividade*, em relação ao de *ato*, não vejo muita diferença entre *ato/atividade*. Certamente o conceito *ativismo* está excluído do pensamento bakhtiniano.

Agora qual a diferença entre *ato* e *atividade* sinceramente não sei. Não penso que haja essa distinção no pensamento bakhtiniano, mas eu acho que ele utiliza mesmo é a expressão *ato*. E esse *ato* é algo que se faz em função de um futuro, a partir de uma memória de futuro que me dá os critérios e as

categorias para eu selecionar tal ação pela qual se é responsável porque responde a um passado e porque irá provocar respostas no futuro.

**9- Como você define enunciado, enunciação e enunciado concreto? E como isso ocorre na relação entre pesquisador e sujeito(s) pesquisado(s)?**

Pela leitura que tenho, Bakhtin varia o uso estilístico das expressões, mas acho que no seu quadro conceptual são sinônimas. Depende da tradução, às vezes *texto*, *enunciado*, *discurso*, *enunciado concreto*. É que nós estamos acostumados, na área da lingüística, afazer uma distinção entre *enunciado* e *enunciação* e chamamos *enunciação* o processo de produção desse *enunciado*, e, *enunciado* como um produto. Mas em Bakhtin, como ele não trabalha com produtos, só como processos, o próprio *enunciado* é em si, contém a *enunciação* e a *enunciação* contém o *enunciado*, se quisermos usar essa distinção feita na lingüística, mas não na filosofia da linguagem de Bakhtin.

Penso que o que ocorre na relação entre pesquisador e sujeito pesquisado é uma relação de *dialogia*. Ambos produzem *enunciados*. Ambos enunciam. Ambos falam e como falam não podem se tratados como se fossem objetos. Todas as expressões, com sua estrutura simbólica, são infinitas em seus sentidos inesgotáveis em si.

**10- Um dos desafios encontrados pelo NUPEIN, bem como por outros grupos que pesquisam crianças e infância é a elaboração de metodologias de pesquisa que considerem as crianças pequenas como sujeitos das relações entre si e com outros. Isso exige a apreensão não apenas da fala – pois os menores ainda não falam – mas também de outras formas de comunicação – olhar, movimento, gestos, toques, etc. No que Bakhtin poderia nos auxiliar ao que se refere a apreensão**

## dessas outras formas de comunicação, nas pesquisas com crianças pequenas?

Acho que aquela passagem do capítulo da metodologia das Ciências Humanas, da passagem da imagem para símbolo, é fundamental para as pesquisas sobre a infância. Entre aquelas crianças que ainda não falam e mesmo com aquelas que já falam, mas também desenham, se expressam por meio de outras formas, pelos gestos, pelo choro etc. E que tem que ser levado em conta esse processo de interpretação. Acho que todas essas imagens passam por símbolos e os símbolos adquirem uma certa semântica sobre as quais é preciso construirmos uma interpretação.

Um exemplo mais ou menos clássico: a criança chora, ela manifesta uma necessidade, a necessidade é satisfeita pela mãe ou pelo adulto que a está cuidando, que interpreta o choro, por exemplo, 'está sentindo fome', isso se torna tão claro para o adulto que está convivendo com a criança que, pelo choro da criança ele sabe se é manhã, fome, se está com dor, se ela se machucou. Então o choro também tem um *tom* e, tendo um *tom* e lhe atribuímos sentidos. E isso já é uma linguagem entre o adulto e a criança. Esse choro se torna *enunciado* a partir e pelo processo de semantização. O primeiro choro da criança na vida é também do susto de estar viva, e já é significativo e já é *enunciado*. Porque com o tapa do pediatra na bundinha da criança, que faz ela chorar e o pulmão a funcionar, aí já se tem um *enunciado*. Tanto é, que nós, imediatamente, damos um sentido: a criança está viva! A esse choro da criança nós já damos uma semantização: a criança nasceu viva, ela reagiu! Assim, desde esse momento já temos uma construção de *enunciado*.

A Prof<sup>a</sup>. Eleonora Albano, em um pequeno livro já bastante antigo, não me lembro ao certo do título, acho que **Do som à fala**, publicado pela editora Ática, já apontou para isso. Acho que a criança, desde o berço, exercita as cordas vocais, produz o que nós pais dizemos: ela está falando, ela está



cantando. Na realidade, quando ela está lá fazendo *babababhaha* e coisas desse tipo, na verdade ela está exercitando as cordas vocais. E por que é que ela faz isso? Exercitar as suas cordas vocais? Bom isto é uma pergunta interessante! Agora, isto já significa? Na realidade não significa mais do que exercitar as cordas vocais. Nós pais é que supomos: olha está dizendo papai, está dizendo mamãe e na verdade ela não está dizendo coisa nenhuma... Ou melhor, está dizendo *abahahahababhaha*, vai fazendo esses sons. Todavia, esses sons são fundamentais enquanto exercícios corpóreos, físicos mesmo, para selecionar sons da fala. E eles são inclusive necessários. Mas estes sons não se realizam no vazio, a alteridade – os adultos – lhes dá sentidos, vão constituindo-os como linguagem.

No que diz respeito ao fato de pesquisar com crianças pequenas, o que acho fundamental, é que o pesquisador fale com a criança. Mesmo que ela não responda. Aqui gostaria de pegar a idéia do filme do Almodóvar – **Fale com ela**. Precisamos ver, conceber a criança como alguém capaz de te ouvir! Alguém capaz de te compreender também, porque só assim você também pode compreendê-la. E nesse jogo, como é que o Bakhtin pode ajudar? Bakhtin pode ajudar não na categoria *dialogismo* ou *dialogia*, mas sim no diálogo que você pode encetar com as crianças ou com aqueles que cuidam dessas crianças.

Veja que uma criança pode não estar compreendendo quando você conta uma história, mas ela está prestando atenção! Ela presta atenção à fala, ao som, ao teu olhar carinhoso, ela percebe as coisas. Tanto que nós chamamos, em termos de senso comum, que a criança estranha, ela te estranhou porque você nunca se encontrou com ela, então como ela nunca te encontrou ela ainda não tem uma linguagem com você. Na hora que ela descobre essa linguagem ela já sorri e ao sorrir para você ela já está te dizendo coisas, desse modo, ao chorar

ela também está te dizendo coisas, um certo medo da novidade. E é natural ter medo de uma certa novidade.

Então, o que Bakhtin mais poderia ajudar nessa pesquisa, para além da utilização dos conceitos na análise dos dados, é uma certa postura! Um certo lugar para olhar esse movimento da criança, essa expressão da criança e ajudar a descobrir o sentido dessas expressões, a não fixidez desses sentidos também.

Um pouco da indeterminação desses sentidos, a humildade de saber que nós não vamos chegar ao final. Isto é, que os sentidos que a criança pode ter, são infundáveis e para nós, às vezes, insondáveis. O que concerne a uma certa humildade na pesquisa. Em toda pesquisa, o que se pode oferecer é uma interpretação provisória, marcada por seu tempo e pelos interesses em jogo. Mas a criança pode ser muito mais do que isso. Ou se vocês quiserem, utilizar uma outra figura, dos versos cantados por Elis Regina em “*Como nossos pais*”: *uma vida vale mais que todos os discos*. A criança em si vale mais que a nossa pesquisa. E isso é fundamental ter presente que a criança vale mais que nossa pesquisa. Portanto não a incomodem por causa da pesquisa. Um tempo perdido da criança de viver em função da tua pesquisa é um tempo que lhe é roubado.

### **11- A partir de uma perspectiva bakhtiniana, a relação docente dos adultos com as crianças poderia ser definida como uma transmissão de conhecimentos ou como uma relação dialógica? Quais as implicações e concepções desses diferentes termos: transmissão e dialogismo?**

Eu penso que, numa relação dialógica, querendo ou não, nós somos interferentes. Ou seja, nós ‘transmitimos’! Porque já na nossa atitude transmitimos conhecimento. Transmitimos conhecimentos com o que dizemos, e de vários outros modos. Agora, se pensarmos somente na idéia de transmissão de conhecimento então transformamos o conhecimento num

objeto. Nessa concepção, temos uma imagem de conhecimento como algo estático, fixo, pronto e acabado que pode pegar daqui e transferir para cá. E isso é, para mim, a idéia de um conceito de ensino como transmissão de conhecimento.

Eu penso que a criança aprende independente da nossa transmissão. E nós precisamos apostar que ela aprende! Essa idéia que muitas vezes temos de que a criança só sabe aquilo que nós lhe ensinamos, lhe transmitimos, é extremamente falsa. Ela sabe muito mais coisas do que aquilo que imaginamos que ela saiba. Só que muitas vezes nós não prestamos atenção a isso. Nós não prestamos atenção a sua linguagem, nós chegamos a dizer bobagens: A minhas crianças não sabem abstrair! Sendo que são crianças de 6 e 7 anos, eu pergunto: elas falam? Se falam, abstraem! Porque a linguagem já é uma abstração. Então, é um contra-senso dizer que crianças que falam não abstraem. Ela pode querer aprender outra coisa, ela está sempre aprendendo na verdade!

Então eu acho que essas duas concepções de ensino são diametralmente opostas, mas não se contrapõem nos termos transmissão/diálogo, mas na concepção de conhecimento como objeto/processo de compreensão das coisas, das gentes e das suas relações.

No diálogo você aprende com e assim aprendem os dois. O professor aprende com o aluno quando lhe ensina e a criança aprende com o adulto o que ele tem a lhe ensinar. Mas também joga fora muito do que lhe ensinamos, porque não lhe interessa nesse momento de sua vida e/ou poderá nunca lhe interessar.

Agora, a noção de transmissão de modo geral implica conceber um corpo de conhecimentos que está fixado e que é transformado nas relações sociais contemporâneas. Esse conhecimento é transformado em mercadoria que é

transmitido, e essa transmissão tem um valor pelo qual se paga. Você paga a mensalidade da universidade e coisas desse tipo, ou seja, é a mercantilização do conhecimento. Para o conhecimento se tornar uma mercadoria ele tem que perder a sua base, a sua base verbal, isso falando do ponto de vista lingüístico. O verbo é sempre um processo. Conhecer é um processo, conhecimento é de conhecer, que é um processo. Para eu transformá-lo em mercadoria tenho que transformá-lo em um ente e não mais em processo. Nesse processo, eu transformo aquilo que são hipóteses de compreensão de uma realidade, em verdades fixas e acabadas que eu posso transmitir para o outro.

Transmito-lhe cobrando, ou não, um valor segundo as leis do mercado e isso é o neoliberalismo escarrado e, infelizmente, contemporâneo.

Então acho essas concepções tem implicações totalmente distintas dos procedimentos, acho que ensina muito mais o adulto que convive com a criança do que aquele que quer transmitir à ela um conhecimento. As vezes eu brinco, dizendo que, felizmente, falar não é ensinado na escola. Na escola é ensinado a ler e escrever, ninguém lê e ninguém escreve, isto é, pouca gente lê e pouca gente escreve. Graças a deus, porque se falar fosse ensinado na escola, ninguém falaria também. Haveria uma sociedade de não falantes!